

## LENDA DA ADAGA

Glaucus Saraiva

Nascestes de um raio guacho  
na alquímia do espaço.  
O tento azul de teu aço  
veio da lonca do céu.  
És o bárbaro troféu  
de algum duende teatino  
que moldou teu corpo fino  
na forja dos elementos.

Quando transaram-se os tentos  
das braças grandes da história,  
como arremate de glória,  
com o Rio Grande na ilhapa,  
nessa gestação mais guapa  
que a América fecundou,  
foi teu aço que cortou,  
no parto meridional,  
o cordão umbilical  
do pago recém-nascido.

Tendo guinchos e tinidos  
como acalantos de guerra  
foste embalando esta terra  
no berço da formação.  
Na estranha premonição  
da cruz bastarda e do corte,  
foi que talhaste o recorte  
da própria história indecisa.

Oh, bárbara pitonisa  
da nossa gesta orelhana!  
Da algaravia pampeana  
foste a linguagem comum  
e a desquinar, um a um,  
os primitivos direitos  
foi que tramaste os preceitos  
de um nômade tribunal,  
até afirmar, afinal,  
jurisprudência bagual,  
definindo a ferro e bala  
nosso código penal.

Sangrando rumos e anseios  
na agitação das fronteiras,  
foste a rija feiticeira  
na nossa guasca etnia.  
Tua intrépida alquímia  
- mesclando origens, pendores,  
gerou centauros, condores,  
numa estirpe original.  
A simbiose radical,  
feita em teu crisol de bruxo,

cristalizou o gaúcho  
como o guerreiro imortal.

E, por isso, adaga nua,  
quando prolongas meu braço,  
vejo espelhada em teu aço  
toda a gênese da raça...  
E a essa visão que passa  
repointando antigos feitos,  
me sinto um caudilho eleito  
na história viril da terra,  
pois ouço um clarim de guerra  
gritando Pátria em meu peito.